

**O ESCRITOR E A BORBOLETA: LITERATURA, IMAGEM E PENSAMENTO EM  
*A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR**

*Luiz Lopes\**

**RESUMO:** O presente artigo efetua uma leitura do livro *A hora da estrela* (1977), da escritora brasileira Clarice Lispector, tendo como fio condutor da interpretação as relações entre literatura, imagem e pensamento. Para efetuar tal leitura partimos de um diálogo entre a literatura da autora e o pensamento do filósofo Georges Didi-Huberman, em especial, no que tange suas discussões sobre a imagem sobrevente que atravessa todas as suas discussões sobre o campo das artes, da literatura e do pensamento filosófico. Além dessa perspectiva, que entrelaça literatura e imagem na produção derradeira de Clarice Lispector, interessa-nos pensar, ainda na esteira do pensamento do filósofo francês e em consonância com a escrita clariceana, o motivo da borboleta como imagem que produz um pensamento sobre a fragilidade do terreno bem como da afirmação dessa dimensão, inserindo assim *A hora da estrela* num grupo de textos que podemos conceituar como imanentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector; Imagem; Pensamento.

Um conhecimento sem erro, ou seja, sem errância, não existe senão mediante a condição da morte do seu objeto.

*Georges Didi-Huberman*

*A hora da estrela* é um texto que permanece indecifrável. Ainda que, muitas vezes, eu tenha me aventurado a falar dessa obra de Clarice Lispector, a última publicada em vida da autora, toda nova tentativa de aproximação é um desafio. Esse desafio se torna ainda maior quando pensamos que em 2017 comemoramos 40 anos de publicação desse texto que tem se tornado, sem dúvida, o mais citado, talvez o mais estudado e que, de certa forma, afeta um número maior de leitores da escritora brasileira. A edição comemorativa dos 40 anos

---

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do curso de Letras do CEFET-MG, atuando na área de Estudos Literários e professor do programa de Pós-Graduação POSLING.

de publicação<sup>1</sup> corrobora para sublinhar esse aspecto de certo protagonismo do texto. Inúmeros eventos pelo país e pelo mundo bem como edições especiais de revistas especializadas em torno da obra da escritora marcam este ano no qual também se comemora os 40 anos de morte dessa autora fundamental para o século XX e que provoca, com seu caráter intempestivo, novos leitores que surgem no século XXI.

A proposta do presente texto é pensar *A hora da estrela* a partir das relações entre literatura, imagem e pensamento. Esse vetor de análise me parece ser um bom caminho não apenas para efetuar uma leitura desse texto, mas, uma possibilidade forte de interpretação de todos os textos de Clarice Lispector (1920-1977). Sua literatura parece, muitas vezes, jogar com as palavras a fim de criar uma imagem pensante, uma imagem que permite ao leitor sair dos clichês e entrar num terreno movediço, perturbador e flutuante. Cabe ainda dizer que este texto parte de um diálogo possível entre a obra da escritora brasileira e o pensamento do filósofo francês Georges Didi-Huberman (1953-). Em especial, interessa-me pensar as conexões entre a figura de Macabéa e a ideia de sobrevivência, da imagem que resta, que emite uma “pequena luz”<sup>2</sup> e que aparece no centro do pensamento de Didi-Huberman.

Começemos, então, por um fragmento ainda da abertura do texto de Clarice, quando Rodrigo S.M. explica que o livro que escreve é resultado de uma visão gradual.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da imanência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não início pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes. (LISPECTOR, 2006, p. 10).

---

<sup>1</sup> Cf. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

<sup>2</sup> Cf. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Nesse trecho inicial de *A hora da estrela*, Rodrigo S. M., esse escritor que pretende ser, dentre outras coisas, uma espécie de testemunha da vida e da passagem pelo mundo de Macabéa, a nordestina perdida num lugar inóspito, ressalta que toda sua história é fruto de uma imagem. Macabéa é uma personagem que se torna possível por meio de uma imagem que ele conseguiu ver numa rua do Rio de Janeiro. “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo” (LISPECTOR, 2006, p. 11). Ela também só se torna possível para os leitores se estes acolherem o fato de que a personagem que eles têm diante de seus olhos, essa personagem que vai sendo fotografada, aparece e desaparece, sempre. Essa ideia de algo que aparece e desaparece, que pode ser vista, mas escapa, que se move como o próprio mundo, parece ser uma zona nevrálgica do texto clariceano. E esse é um primeiro desafio colocado por Clarice aos leitores de seu livro, a saber, o desafio de ver e de perder constantemente Macabéa.

Georges Didi-Huberman, em uma de suas obras, *Falenas*: ensaios sobre a aparição, ao falar da imagem que aparece, que sobrevive, que resiste, afirma:

De repente algo aparece. Por exemplo, uma porta abre-se e uma borboleta passa batendo as asas. Basta esse nada. E já o pensamento experimenta o perigo. Corre o risco de se enganar uma primeira vez, acreditando apropriar-se do que acaba de aparecer e abstendo-se de considerar o que se segue, que é desistência, desaparecimento. Porque é um erro acreditar que, uma vez *aparecida*, a coisa *está*, permanece, resiste, persiste tal qual o tempo, como no nosso espírito que a descreve e a conhece. Sabemos bem que não é assim: uma porta não se abre senão para a qualquer momento se voltar a fechar, uma coisa não aparece, como uma borboleta, senão para no instante seguinte desaparecer. Mas o pensamento desorienta-se uma segunda vez realizando com a coisa *desaparecida* a mesma abstração que com a coisa *aparecida*. Também aqui terá que se ter em conta o que se segue, quer dizer, a maneira como essa coisa que *já não está* permanece, resiste, persiste tanto no tempo como na nossa imaginação que a rememora. Como falar de uma aparição de outro modo que não seja sob o prisma temporal da sua fragilidade, aí onde ela volta a mergulhar no obscuro? Mas como falar dessa fragilidade de outra maneira que não seja sob o prisma de uma mais sutil tenacidade, que é força de assombração, de retorno, de sobrevivência? (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 09).

A literatura de Clarice Lispector e, de modo especial, *A hora da estrela* falam sobre aparições. Macabéa é essa moça de 19 anos que aparece, que passa por “fracas aventuras [...] numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 2006, p. 14) e que, possivelmente, poderia não ser vista caso Rodrigo S.M. não resolvesse rememorar essa imagem, fazer com que ela sobreviva um pouco mais. Nesse sentido, ao lermos Clarice, estamos sempre diante de imagens que sobrevivem, que resistem ao seu próprio desaparecimento. Macabéa, essa nordestina que é um quase nada, perdida numa selva de pedra, mas que é resgatada pelo compromisso do escritor, que deseja dar a ver essa estrela que emite sua frágil luz, antes de se apagar. Como uma borboleta, como esse nada frágil que passa, a personagem de Clarice nos faz pensar naquilo que aparece e desaparece ou que como a escritora diria em outro momento naquilo que tenta um pequeno voo e cai. Sua literatura nos faz pensar no que fracassa.

Ao falar dessa frágil aparição de Macabéa, Clarice Lispector coloca seus leitores frente ao perigo. Ao perigo de pensar no mundo não como aquilo que é estático, cristalizado e definitivo, mas como algo que está em pleno movimento, errância, mudança. Essas imagens sobreviventes que aparecem na ficção da escritora brasileira são imagens de “uma literatura pensante” (NASCIMENTO, 2012) que nos coloca em risco. Macabéa, a pigmeia do conto “Pequena Flor”, o cego que masca chicletes no conto “Amor”, a barata de *A paixão segundo G.H.* ou ainda os pintinhos de “A legião estrangeira” são imagens que deslocam nossos olhares. Todas essas imagens nos fazem pensar em como o mundo é constituído por uma infinidade de seres, de objetos, de espaços e de tempos que são da ordem do inapreensível, ou do inquietante, para dizer com Sigmund Freud<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Cf. FREUD, Sigmund. O inquietante in \_\_\_\_\_. *Obras completas, v. 14*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

Rodrigo S.M. parece saber disso: a imagem da nordestina nos inquieta antes de tudo por ser já desapareção. Ao tentar falar de Macabéa, Rodrigo sabe que ele não discorre apenas sobre algo que apareceu, mas sobretudo, sobre aquilo que passou, que desapareceu, que pode retornar, mas que nesse retorno volta em movimento, volta como nova aparição que desaparece. Talvez seja por isso que esse escritor diga que pretende fazer várias fotografias de Macabéa. O que ele pode oferecer aos seus leitores são várias perspectivas. Quanto mais perspectivas tiver desse frágil objeto de amor/ódio, mais próximo ele e seus leitores podem estar daquilo que escapa sempre, daquilo que é silêncio, o inexprimível. “Juro que esse livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta” (LISPECTOR, 2006, p. 16). E é justamente esse medo daquilo que escapa que faz esse escritor assumir para seus leitores que tem receio de iniciar a escrita: “Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais” (LISPECTOR, 2006, p.19).

Nada pode ser mais simples do que aquilo que aparece. Algo aparece diante de nossos olhos e, em seguida, desaparece, mas nesse movimento o perigo do pensamento já está instalado. Toda imagem resiste não como aquilo que é simples, mas resiste, sobrevive, no que ela tem de incompreensível, de inatingível, de fugidivo. Ao mesmo tempo que Macabéa aparece como coisa simples, em sua história de nordestina comum, que saiu de Alagoas e veio para o Rio de Janeiro, ela também aparece em sua realidade invisível, em sua singularidade. Se essa imagem que o escritor tenta captar é simples demais, também é, ao mesmo tempo, de difícil elaboração: “O que me proponho a contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com as mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama” (LISPECTOR, 2006, p. 19).

Falar de Macabéa parece, assim, para Rodrigo, constatar que ele está diante do que parece mais óbvio, uma vida comum. No entanto, é também a comprovação de que essa imagem é fruto de sua imaginação: imagem obtusa. Há muito de invenção, de recriação daquilo que tendo estado já não está, ainda que permaneça. “Mas que ao escrever – que o

nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar” (LISPECTOR, 2006, p. 18). Macabéa é aquilo que surge diante dos olhos, mas é também aquilo que volta como sobrevivência, como imagem que insiste em sua ressonância, em sua sobrevivência, em seu perigo, em sua força abissal de “fina matéria orgânica” (LISPECTOR, 2006, p. 45).

Ao falar das imagens das borboletas, Didi-Huberman observa que elas despertam afetos contraditórios porque não possuem uma explicação imediata. É justamente esse não saber que parece mover a ficção de Clarice Lispector. A escritora está muito interessada naquilo que no mundo nos afeta sem que possamos nos apropriar disso de modo definitivo. Há em Clarice um medo daquilo que se cristaliza. Numa crônica intitulada “Medo da eternidade” a escritora fala sobre o peso daquilo que pode durar sem alteração<sup>4</sup>. Interessa ao seu projeto ficcional, que também é um projeto de pensamento, a leveza daquilo que não pode permanecer sempre o mesmo. Nas palavras de Didi-Huberman:

Por não ter uma explicação imediata, a beleza das borboletas suscita rapidamente a inquietude e o sentimento crepuscular de *Unheimlich*. “Os insetos repugnam-nos, inquietam-nos e, por vezes, provocam-nos medo, na proporção exacta da nossa ignorância”, escreve Michelet. “Quase sempre os matamos para tudo esclarecer”. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 13).

A colocação do filósofo francês me faz pensar que talvez a literatura de Clarice esteja situada, como a de outros grandes escritores, numa zona de conflito permanente entre vida-morte. É por isso que a escritora mostra tantas imagens de vida e, ao fazê-lo, acaba por falar e visitar também aquilo que não é o oposto da vida, como disse certa vez Friedrich Nietzsche, mas parte da existência, a morte. “Guardemo-nos de dizer que a morte se opõe à vida. O que está vivo é apenas uma variedade daquilo que está morto, e uma variedade bastante rara” (NIETZSCHE, 2001, p. 136). Macabéa é como um inseto que nos

---

<sup>4</sup> Cf. LISPECTOR, Clarice. Medo da eternidade. In: \_\_\_\_\_. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 18.

fascina, que admiramos e que, ao mesmo tempo, nos causa nojo, aversão. Ela é algo que não queremos ser ou que temos medo de reconhecer que somos em alguma medida. Como diz seu namorado, Olímpio de Jesus, “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (LISPECTOR, 2006, p. 74). Macabéa é ainda, sobretudo, esse ser vivo que já sabemos estará morto num breve espaço de tempo.

Esse nojo, expresso por Olímpico da forma mais cruel possível, é, em algum grau, a aversão que sentimos daquilo que nos causa medo. Olímpio se inquieta com Macabéa porque ela tem uma profundidade, um grau de complexidade da qual ele deseja fugir. Enquanto essa borboleta-Macabéa se lança nos abismos da existência e olha os abismos sem medo de receber o olhar abissal de volta, Olímpico é pesado e não consegue flutuar sobre os precipícios. É justamente a leveza de Macabéa que permite pensar sua figura como uma espécie de borboleta. Ela borboleteia pelas ruas do Rio de Janeiro, nesse movimento leve, de deixar-se ser, de mudar, de aparecer e desaparecer, causando admiração e nojo, em suma, inquietando os olhares daqueles que conseguem ver e serem vistos por ela.

Vale ainda dizer que essa imagem inquietante de Macabéa tem correspondências em outros inúmeros textos de Clarice. Me parece quase impossível ler *A hora da estrela* e não estabelecer espaços de contato entre a nordestina Macabéa e a imagem da barata de *A paixão segundo G.H.* Do mesmo modo, Macabéa se assemelha a Laura, a galinha de *A vida íntima de Laura*, ou ainda, podemos estabelecer pontos de convergência entre Macabéa e a imagem estranha e familiar do pinto do conto “A legião estrangeira”. Alguns desses animais, assim como Macabéa, acabam morrendo no final. Esses personagens morrem por um desejo de compreensão absoluta, de apreensão total daquilo que eles são.

Ao contrário da imagem de Macabéa morta, sua imagem de ser-borboleta me parece mais inquietante. A leveza, certo comprometimento com o mundo que, às vezes, pode ser descompromisso e suas aparições e desaparecimentos, durante a narrativa, configuram a força dessa imagem inquietante que Clarice conseguiu produzir a partir da história que Rodrigo S.M. nos conta. Vale dizer que a imagem das borboletas aparece de forma bem definida mais ou menos na metade da novela, quando Rodrigo S.M. fala de um momento de extrema

felicidade de Macabéa num mês de maio, quando ela encontra seu futuro namorado Olímpico de Jesus.

— Ah mês de maio, não me largues nunca mais! (Explosão), foi a sua íntima exclamação no dia seguinte, 7 de maio, ela que nunca exclamava. Provavelmente porque alguma coisa finalmente lhe era dada. Dada por si mesma, mas dada.

Nesta manhã de dia 7, o êxtase inesperado para o seu tamanho pequeno corpo. A luz aberta e rebrilhante das ruas atravessara a sua opacidade. Maio, mês dos véus de noiva flutuando em branco.

[...]

Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada-com-queijo. (LISPECTOR, 2006, p. 50-51).

Esse fragmento de *A hora da estrela* deixa clara a relação entre a figura criada por Rodrigo S.M. e o motivo da borboleta. A descoberta de Macabéa do amor se dá como se ela estivesse numa errância, solta pelo ar e nesse movimento vital encontrasse o amor, antes do instante seguinte que destrói sua existência e coloca em primeiro plano sua fragilidade. Toda vida é frágil como a de uma borboleta e, ao falar de Macabéa, Rodrigo S.M. coloca em questão a fragilidade, a vulnerabilidade e o desamparo daquilo que é vivo. Talvez haja também desamparo no que está morto. Toda imagem vital é uma imagem passageira. Macabéa passa, como passa uma borboleta no ar. Da mesma forma como aparece, está prestes a desaparecer. Todos os acontecimentos de uma vida possuem essa dupla perspectiva: são pura força de beleza do instante, são pura fragilidade do que está na iminência do desaparecimento. Didi-Huberman, ainda falando das imagens, sublinha o fato de que

Não há imagem sem imaginação, forma sem formação, *Bild* sem *Bildung*. Não nos espantemos que os grandes pensadores da forma e da imagem – desde os grandes pintores chineses até Paul Klee ou Hans Bellmer – delas nos falem como processos e não como estases,



como actos e não como coisas. No final das suas *Metamorfoses*, por exemplo, baseando-se na imagem da “dúctil cera[que] se molda sempre em novas figuras, e não permanece como era, nem conserva as mesmas formas, e, no entanto, é sempre a mesma”, Ovídio afirmava que “tudo flui”, porque “toda a imagem que se forma é passageira”. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 15).

Em Clarice há muitas imagens que revelam esse teor passageiro tão reivindicado por sua literatura. Macabéa parece ser uma dessas imagens que são possíveis pela imaginação, pela retomada daquilo que, por um momento, esteve presente, e já não está mais. Imagem que, no entanto, sobrevive, que volta, que ressurge do vazio da ausência para se presentificar uma vez mais. Essa imagem, como salienta Didi-Huberman, aquela que sobrevive, não é imprecisa, improvável ou inconsistente, mas uma imagem que pode ser vista a partir de “movimentos exploratórios” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 14). Mas que significa dizer que uma imagem pode ser vista a partir de movimentos exploratórios? Parece-me decisivo entender que uma imagem terrena como a de uma borboleta deve ser aprendida naquilo que ela nos faz pensar ou, dito de outro modo, na sua capacidade de rasurar todo pensamento metafísico e afirmar um princípio terreno à maneira do que pensava Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, quando nos incita a permanecermos fieis à terra, dando sentido ao terreno (NIETZSCHE, 2013, p.14).

Há nessas imagens-borboletas algo que nos faz pensar na duração, na mudança, na plasticidade e nos desdobramentos das formas (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 17). Se pensarmos em Macabéa como uma imagem-borboleta é fácil percebermos seu caráter paradoxal: ela é aquela moça esquiva da qual não conseguimos nos aproximar com total precisão, ela escapa o tempo todo, mas também da qual não podemos esquecer. Ela permanece como esse ser leve que por ter passado por nós continua voltando como um relâmpago que perpassa acelerado o céu e sobrevive em constantes ressurgimentos com pequenas variações. Nádia Batella Gotlib (2001) diz, num de seus ensaios sobre *A hora da estrela*, que Macabéa é esse ser rejeitado, mas que, ao mesmo tempo, se basta como força vital. Essa nordestina é uma das mais bem-acabadas figuras da inconstância, da esperança e da fragilidade terrena que a literatura produziu no século XX. Ela é um ser que como tantos outros borboleteia.

O ser que borboleteia faz, pelo menos duas coisas: para começar, palpita e agita-se convulsivamente, o seu corpo vai e vem sobre si mesmo, como numa dança erótica ou num transe. Depois o ser que borboleteia erra e agita-se à toa, arrastando o seu corpo daqui para ali como que numa exploração inquieta, numa busca de que decididamente ignora o objeto último. Há nesta dança algo da instabilidade fundamental do ser, uma fuga das ideias, um poder absoluto da livre associação, uma primazia do salto, uma ruptura constante das soluções de continuidade. Eis porque se diz, com malícia, que a borboleta ou o borboletear se dispersam sem jamais fundar nada de sólido. Nas alegorias morais e religiosas – em particular em São Francisco de Assis de Sales ou nos quadros da *Vanitas* – a falena é uma figura da inconstância, da esperança perdida, da fragilidade dos desejos humanos, da exiguidade da vida terrena. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 27).

Macabéa tem muito disso que Didi-Huberman diz ser uma exploração inquieta. A inquietude dessa personagem me parece ser, sobretudo, em relação a si mesma. Ela não cansa de se debater contra si mesma para poder se encontrar cada vez mais, aparecer e desaparecer para si mesma, como no trecho em que ela se olha no espelho e a imagem de si aparece e desaparece. “Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma” (LISPECTOR, 2006, p. 27). A imagem de Macabéa desaparece diante de seus próprios olhos. Num dos momentos mais difíceis, ela olha e não se encontra no fundo do espelho. “Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão” (LISPECTOR, 2006, p. 27).

Essa cena da personagem diante do espelho, que pode ser interpretada a partir de várias perspectivas, parece-me também interessante quando pensamos que uma das questões postas pelo texto de Clarice é o de como Macabéa se enxerga, como ela se vê. A invisibilidade aqui não é apenas – ainda que seja algo muito importante – a dessa nordestina em relação aos outros, mas de certa invisibilidade dela em relação a si mesma. Isso é tão intenso que num dos momentos posteriores, Macabéa mente para seu patrão e decide ficar em casa. Nesse momento de solidão plena ela encontra consigo mesma. A personagem

dança sozinha em casa e nesse movimento, ela acaba se encontrando, reconfigurando a sua imagem, explorando seu próprio corpo, ainda que sinta, de antemão, que essa exploração lhe dá acesso apenas a algo efêmero, borboletear no instante já.

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. (LISPECTOR, 2006, p. 49).

Nesse momento Macabéa entra em contato com o jogo, com a festividade, com o movimento: ela se torna uma espécie de borboleta que se deixa ser livre pelo ar. Há nesse momento ainda um encontro com o lado festivo da existência pelo par aparecer/desaparecer. A personagem se liberta do trabalho que a escraviza, do olhar dos outros que a subjugam, do peso dos dias. Ao dançar, seu frágil corpo se debate contra si mesmo e, enquanto dança ou come, ela pode se ver no espelho, reencontrar-se consigo mesma. Em suma, ela pode criar entre o que vê e o que imagina uma nova imagem de si mesma.

Parece-me decisivo dizer que, ao colocar nós, leitores, como espectadores da dança de Macabéa, Rodrigo S.M. nos faz pensar em algo da ordem do fulgurante. Algo brilha nessa dança, como em toda dança. Alain Badiou em “A dança como metáfora do pensamento” afirma que “o olhar do espectador de dança deve apreender a relação do ser com o desaparecer” (BADIOU, 2002, p. 92). Essa afirmação de Badiou interessa, uma vez que “a dança, precisamente por ser uma arte absolutamente efêmera, já que desaparece assim que ocorre, detém a maior carga de eternidade. Para o filósofo, “a eternidade não

consiste em ‘permanecer tal qual’ ou na duração. A eternidade é precisamente o que conserva o desaparecimento” (BADIOU, 2002, p. 92).

Todos nós, leitores-espectadores, dessa dança e desse texto, somos colocados diante da imagem sobrevivente de uma borboleta, de um ser-borboleta e, nesse sentido, *A hora da estrela* permite um pensar de modo abissal. Ao mesmo tempo em que somos convidados a ver a leveza daquilo que passa, que voa e que desaparece, somos convocados também a afirmar o lado terrível da fragilidade desse mundo esvoaçante. É por isso que Rodrigo S.M. diz, já no final de seu livro:

Acho com alegria que ainda não chegou a hora de estrela de cinema de Macabéa morrer. Pelo menos ainda não consigo adivinhar se lhe acontece o homem louro e estrangeiro. Rezem por ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida, pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito. Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida. Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago. (LISPECTOR, 2006, p.103-104).

Essa imagem, uma das últimas imagens de *A hora da estrela*, me parece decisiva para fazer algumas considerações finais dentro da perspectiva interpretativa proposta neste texto. A primeira é que de certa forma a imagem da porta de balanço no ar remete novamente ao tema da borboleta. Algo frágil passa pelo ar e essa porta a qual Macabéa é relacionada, parece ser antes de tudo a imagem da fragilidade da qual já falamos algumas vezes. Essa porta esvoaçante, como uma borboleta remete a tudo que pode aparecer e ser perdido. Aquilo que existe está prestes a deixar de ser. A literatura e as artes de modo geral, é um espaço de sobrevivência disso que vai sendo apagado. É um espaço também de pensamento sobre o que desaparece, sobre o que é frágil demais para resistir ao tempo e aos choques e colapsos de toda ordem.

Outro aspecto fundamental é o fato desse narrador que tantas vezes se colocou a certa distância de sua personagem e que de muitas maneiras incitou os leitores a também se afastarem de Macabéa convidar todos a participarem desse ritual de vida, de sopro de

vida. Todos são convidados a segurar essa borboleta, de dar um pouco mais de vida a ela. Ela se torna essa imagem que sobrevive, talvez muito mais no pensamento, talvez muito mais como eco do que passou. Talvez como aquilo que já não é mais. Esse convite para aproximar e se distanciar de Macabéa, para ver a imagem e ao mesmo tempo para estar míope em relação à imagem dessa moça perdida e desamparada me parece determinante também. É o que propõe Hélène Cixous, por exemplo, quando diz que há nesse derradeiro livro de Clarice Lispector uma espécie de “boa distância”(CIXOUS, 2017, p. 123). Só podemos saber algo daquilo que vemos, daquilo que passa pelo mundo e nos afeta, se tomamos uma posição em relação a esse outro corpo que compõe o mundo. Como disse Didi-Huberman, “para saber é preciso tomar posição. Gesto nada simples. Tomar posição é situar-se duas vezes, em pelo menos duas frentes que toda posição comporta, pois toda posição é fatalmente relativa” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.15). Sempre que nos aproximamos de algo, estamos nos afastando de algo também.

*A hora da estrela* permanece como um texto que merece uma série infinita de olhares. Cada novo olhar e cada nova perspectiva faz com que esse objeto esvoaçante seja apreendido um pouco mais, que como a vida, se revele e se esconda. A vida é brutal. Ela é como um soco no estômago, como podemos ler-ver numa das últimas imagens do texto de Clarice. Essa é uma posição, a de saber ver o lado sombrio da existência e da história, mas Clarice Lispector também nos dá a chance de outras imagens, de ver a partir de outras posições também. Talvez essa seja uma das grandes questões ainda de *A hora da estrela*, a saber, que sejamos capazes de ser leitores que não matam as borboletas, mas que deixam elas passarem, aparecerem e desaparecerem, num jogo complexo entre aquilo que se mostra e aquilo que escapa de nosso olhar míope e, justamente por isso, se faz terreno.

**RIASSUNTO:** Questo articolo esamina il libro *A hora da estrela* (1977), della scrittrice brasiliana Clarice Lispector, il cui filo interpretativo è il rapporto tra letteratura, immagine e pensiero. Per fare una tale lettura, cominciamo con un dialogo tra la letteratura dell'autora e il pensiero del filosofo Georges Didi-Huberman, specialmente per quanto riguarda le sue discussioni sull'immagine sopravvissuta che attraversa tutte le sue discussioni sul campo delle arti, della letteratura e del pensiero

filosofico. Oltre a questa prospettiva, che intreccia letteratura e immagine nella produzione finale di Clarice Lispector, siamo interessati a pensare, ancora in seguito al pensiero del filosofo francese e in armonia con la scrittura clariciana, il motivo della farfalla come un'immagine che genera un pensiero sulla fragilità del terreno così come l'affermazione di questa dimensione, inserendo così *A hora da estrela* in un gruppo di testi che possiamo concettualizzare come immanente.

**PAROLE:** Clarice Lispector; Immagine; Pensiero

## REFERÊNCIAS

BADIOU, ALAIN. A dança como metáfora do pensamento. In: \_\_\_\_\_. *Pequeno manual de inestética*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.79-96.

CIXOUS, Hélène. Extrema fidelidade. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. p. 101-123.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição: o olho da história*, V.I. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

DIDI-HUBERMANN, Georges. *Falenas: ensaios sobre a aparição, 2*. Tradução de António Preto, Eduardo Britto, Mariana Pinto dos Santos, Rui Pires Cabral, Vanessa Brito. Lisboa: KKYM, 2015.

DIDI-HUBERMANN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, v. 14*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

GOTTLIB, Nádya Batella. Macabéa e as mil pontas de uma estrela. In: JUNIOR, Benjamin Abdala; MOTA, Lourenço Dantas (Orgs.). *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2001. p. 297-317.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

*Recebido em: 29/09/2017.*

*Aprovado em: 12/11/2017.*